



Este é o processo do discipulado. Esta é a dinâmica da missão: acolher, interiorizar o Senhor, deixar que a sua Vida se expresse em toda a nossa vida, permitir que irradie a sua luz e o seu calor aos outros e sermos cooperadores dessa irradiação, emprestar-lhe a realidade de nossa vida, de nosso ser, de nossa mente, de nosso coração, de nosso tempo para que se expresse e se projete na realidade concreta dos seres humanos, estendendo até os confins da terra o anúncio e a explicação da Boa Notícia, que a Igreja guarda e comunica a todos como expressão de sua vida e missão.

Como discípulos missionários, nela encontraremos sempre aquela ajuda de que necessitamos para "... manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir aos discípulos de seu Filho" (DA 272). Ela "... se tornou parte da caminhada de cada um de nossos povos...". Também nós, nela, encontramos "a inspiração mais próxima para aprender como ser discípulos e missionários de Jesus" (DA 269). Nós o constatamos também aqui, no Brasil, pelo "acontecimento de Aparecida". Podemos, portanto, acolher com alegria a exortação que nos é dirigida nas palavras do Papa Bento XVI: "Permaneçam na escola de Maria. Inspirem-se em seus ensinamentos. Procurem acolher e guardar dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, vos envia a partir do alto".⁶

A obediência amorosa da Virgem Maria ao Projeto de Deus é a chave do discipulado pela qual ingressamos no caminho da comunhão existencial, vivendo a comunhão com Jesus que é a própria Vida e experimentando o mistério de sua presença, anunciando-o com a vida e a palavra, sob o impulso do Espírito Santo que leva a atuar segundo o Plano de Deus.

Queira Deus, pela ação do Espírito Santo e pela intercessão de Maria, nos conceder a graça de experimentar uma verdadeira renovação pessoal e comunitária, no espírito do *Documento de Aparecida*, para que o Evangelho chegue a transformar verdadeiramente nossas comunidades em comunidades vivas, evangelizadas, sempre renovadas, generosas e dispostas a trabalhar incansavelmente na edificação da Igreja.

Endereço do Autor:

Rua José Casagrande, 104

Vila Zucchetti

95350-000 NOVA ARAÇÁ, RS



Resumo: Para entender o perfil de presbítero que sobressai no DA, o autor se concentra na seção própria onde se trata diretamente do assunto (DA 191-200), e, a partir daí, articula uma reflexão junto ao resto do Documento, nas entrelinhas do Documento (espírito do texto) e além do Documento, dentro da sugestiva temática do discipulado missionário. Nessa seção encontramos três dimensões, chamadas pelo DA de "desafios", que podem servir para um esquema-base para algumas considerações: 1) a identidade teológica do ministério presbiteral; 2) a missão do presbítero inserido na cultura atual; 3) o testemunho de vida do presbítero como homem de Deus, capaz de comunhão com os irmãos. Se nos colocarmos à escuta do que o Espírito diz hoje às Igrejas e aos presbíteros, Ele nos pede uma nova tomada de consciência sobre a radical opção de fé e de missão que representa a vida cristã.

Abstract: The profile of the ordained priest stressed in the Document of Aparecida received special attention in the section no. 191-200. In the light of these paragraphs as well as from the rest of the Document we are able to gather food for thought about the disciples engaged as missionaries. Three dimensions are underlined as challenges: first, the theological identity of the priestly ministry (what it is); second, the mission of the priest inserted in today's culture (what he does); third, the relevance of the life of the priest as man of God interacting in communion with his brethren (who he is and how he acts).

Considerações sobre o perfil do presbítero no Documento de Aparecida

Stefano Raschiatti, SX*

* Stefano Raschiatti, sx, é missionário xaveriano italiano, há 18 anos no Brasil. É mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, assessor do Conselho Missionário Nacional da CNBB e membro da equipe do Centro Cultural Conforti de Curitiba, PR, Brasil.

⁶ *Ibidem*, 14 Ago. 2007.



Introdução

Antes de tudo, é interessante fazer um rápido levantamento terminológico e, ao mesmo tempo, temático sobre o perfil do presbítero no Documento de Aparecida (DA). O termo “presbítero” aparece 36 vezes no DA, 6 no singular e 30 no plural. Na seção “Identidade e missão dos presbíteros” (cf. DA 191 – 200) do capítulo V, “A comunhão dos Discípulos missionários na Igreja”, há a maior concentração dessa palavra (17), como também de seu adjetivo “presbiteral” (3). Na primeira parte, no capítulo II, “O olhar dos discípulos missionários sobre a realidade”, o texto refere-se aos presbíteros como “clero” (3) e “sacerdotes” (3). Também os párocos são chamados de “sacerdotes” na seção a eles dedicada (cf. DA 201 – 204). E no capítulo VI, “O caminho de formação dos discípulos missionários”, na seção sobre os seminários e as casas de formação (cf. DA 314 – 327), fala-se mais de “sacerdotes” do que de “presbíteros”, somando 22 vezes ao longo de todo o Documento. O substantivo “sacerdócio” (ministerial) se aplica 9 vezes aos presbíteros num total de 12, 6 das quais na seção dos seminários, assim como o adjetivo sacerdotal (3 vezes num total de 6). Outro termo com o qual se define o presbítero é a palavra “pastor” (17 vezes, 10 no plural e 7 no singular). Particularmente, na seção sobre os leigos (cf. DA 209 – 215), os presbíteros são chamados de “pastores”.

Para entender o perfil de presbítero que sobressai no DA, talvez é melhor se concentrar na seção própria onde se trata diretamente do assunto (DA 191 – 200), e, a partir daí, articular uma reflexão junto ao resto do Documento, nas entrelinhas do Documento (espírito do texto) e além do Documento, dentro da sugestiva temática do discipulado missionário. Nessa seção encontramos três dimensões, chamadas pelo DA de “desafios”, que podem servir para um esquema-base para algumas considerações: 1) a identidade teológica do ministério presbiteral; 2) a missão do presbítero inserido na cultura atual; 3) o testemunho de vida do presbítero como homem de Deus, capaz de comunhão com os irmãos.

1 A identidade teológica do ministério presbiteral

No que diz respeito à identidade teológica do ministério presbiteral, o texto original de Aparecida foi sensivelmente modificado.¹ Inicialmente recitava assim:

¹ O Documento de Aparecida (DA) teve um processo de gestação bastante complexo. Por ser fruto de uma assembléia pluralista, convergência de diferentes tendências e



*“O primeiro tem relação com a identidade teológica do ministério presbiteral. O Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um à sua maneira participa do único sacerdócio de Cristo (cf. LG 10). Cristo, sumo e eterno sacerdote, nos remiu e nos partilhou sua vida divina. Nele, somos todos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós, também os presbíteros. Antes de ser pai, o presbítero é um irmão. Esta dimensão fraterna deve transparecer no exercício pastoral e superar a tentação do autoritarismo que o isola da comunidade e da colaboração com os demais membros da Igreja. Não pode tampouco cair na tentação de se considerar somente delegado ou representante da comunidade, mas sim um dom para ela pela unção do espírito em sua ordenação e por sua especial união com Cristo”.*²

Ficou assim:

“O primeiro desafio tem relação com a identidade teológica do ministério presbiteral. O Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo (cf. LG 10). Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, nos remiu e nos partilhou sua vida divina. NEle, somos todos filhos do mesmo Pai e irmãos entre nós. O sacerdote não pode cair na tentação de se considerar somente mero delegado ou apenas representante da comunidade, mas sim um dom para ela, pela unção do Espírito e por sua especial união com Cristo. ‘Todo Sumo Sacerdote é tomado dentre os homens e colocado para intervir a favor dos homens em tudo o que se refere ao serviço de Deus’ (Hb 5,1)” (DA 193).

A tônica hierárquica prevaleceu em relação à diaconia. Desaparece a dimensão da fraternidade e a menção sobre o perigo do autoritarismo.

sensibilidades, buscou um discurso consensual, de cunho prevalentemente exortativo, nem sempre linear e com freqüentes justaposições de perspectivas, num esforço positivo de superar os conflitos, reafirmar princípios e caminhar em comunhão. Contudo, a Assembléia em Aparecida revelou-se muito menos conservadora do que se esperava e de certa forma surpreendeu, reafirmando decididamente a tradição latino-americana de Medellín e Puebla. Somente no final, na passagem da terceira para a quarta redação do Documento, a Assembléia perdeu o controle do texto (cf. BRIGHENTI, Agenor. *Para compreender o Documento de Aparecida*. O pré-texto, o con-texto e o texto. São Paulo: Paulus, 2008, p. 45). Nada se compara, porém, às indevidas alterações que o texto final sofreu, uma vez terminada a V Conferência. O texto que o Papa recebeu nas mãos não era o original: era outro. Parece que cópias foram entregues a diversos organismos da Santa Sé que “sugeriram” alterações a “alguns números” do Documento (cf. Comunicado de Dom Andrés Stanovnik, Bispo de Reconquista (Argentina) em: <http://www.atrío.org/?p=885>. Acesso em 8 de outubro 2008).

² Cf. AMERINDIA (org.). *V Conferência de Aparecida*. Renascer de uma esperança. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 287.



A frase de Hb 5,1 é usada para dar ênfase ao papel de mediador sacerdotal do presbítero, quando, em seu contexto bíblico, seu significado é outro. Os censores do texto original de Aparecida pareciam, de fato, mais preocupados em salvaguardar a distância entre a ordem clerical e os fiéis comuns, que afirmar algo de significativo para o discipulado missionário presbiteral.

Sacerdócio hierárquico e ministerial

Não há dúvida de que o sacerdócio ministerial se diferencia, na tradição eclesial ocidental, do sacerdócio comum, por essência e não apenas em grau (cf. LG 10), mas isso não significa maior ou menor intensidade de participação no único sacerdócio de Cristo, e sim participações essencialmente diversas.³ Nesse sentido é “hierárquico e, simultaneamente, ministerial”:

*“O nosso Sacerdócio sacramental, portanto, é sacerdócio ‘hierárquico’ e, simultaneamente, ‘ministerial’. Ele constitui um particular ‘ministerium’, ou seja, ‘serviço’ em relação à comunidade dos crentes. Não se origina, porém, dessa comunidade, como se fosse ela a ‘chamar’, ou a ‘delegar’. Ele é, na verdade, dom para essa comunidade e provém do mesmo Cristo, da plenitude do seu Sacerdócio”.*⁴

O primeiro conceito, “hierárquico”, expressa a origem misteriosa do dom recebido do alto (cf. DA 193), “um ‘poder’ espiritual que é participação na autoridade com a qual Jesus Cristo, mediante o Seu Espírito, guia a Igreja” (PDV 21). Essa autoridade e esse poder nada têm a ver com a proposta do diabo na parte mais alta do templo (cf. Mt 4,5-7). Ao contrário, é a autoridade do Crucificado-Ressuscitado que venceu a morte com o dom de sua própria vida (cf. Mt 28,18). Não se trata, portanto, de um poder temporal sagrado mas de uma graça que tem como origem o mistério do próprio Deus Trindade (cf. PDV 12), no qual não existem relações de subordinação entre as pessoas, mas somente amor.

Por sua vez, a dimensão ministerial diz respeito à tradução histórica desse “poder” espiritual que configura o presbítero à pessoa de Jesus, em maneira de agir *in persona Christi capitis*. Esse poder não se expressa no

³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, n. 6.

⁴ *Ibid.*, n. 7.



exercício do domínio sobre o outro, mas, em primeiro lugar, no humilde serviço a uma comunidade cristã e ao mundo inteiro. O termo “ministro” tem sua raiz latina no advérbio “minus” (menos) e no verbo “stare” (estar): “estar a menos”, “estar um degrau a menos” do que os outros, como empregado e servidor. A referência maior do discípulo é o Mestre e Senhor que lava os pés (Jo 13,1-17) e que recomenda: “vocês devem fazer a mesma coisa que eu fiz” (Jo 13,15). Ou seja, em outras palavras, visto que o contexto é eucarístico: “façam isto em memória de mim”.

Essa configuração memorial com o Mestre constitui a verdadeira resposta ao chamado de Deus, “uma adesão a toda a sua pessoa” (DA 136): “Esse amor, com a medida de Jesus, com total dom de si, além de ser o diferencial de cada cristão, não pode deixar de ser a característica de sua Igreja, comunidade discípula de Cristo, cujo testemunho de caridade fraterna será o primeiro e principal anúncio” (DA 138).

O termo “dom” utilizado pelo DA 193 expressa da maneira melhor a origem misteriosa do ministério presbiteral. A prática servicial gratuita e eucarística do ministério o traduz de maneira sublime, re-propondo continuamente a encarnação do Verbo na vida dos povos. Num contexto continental, onde o catolicismo foi imposto através de um processo hegemônico e autoritário, nada mais certo é despojar a visão – também teológica – do ministério presbiteral de todo qualquer resquício piramidal de superioridade, de distância do povo e de domínio temporal.

Sacerdócio ministerial e único sacerdócio de Cristo

Claramente, quando se fala de serviço, de proximidade samaritana – tema que recorre frequentemente no DA⁵ – de substancial igualdade entre os batizados do Povo de Deus, precisa-se prestar atenção a não nivelar diferentes carismas e ministérios. O *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros* alerta sobre a tentação do “democratismo” que leva “a não reconhecer a autoridade e a graça capital de Cristo Cabeça e a desnaturar a Igreja como se ela fosse apenas uma sociedade humana”.⁶ Com efeito, a constituição da Igreja é hierárquica: quem manda não é o povo, mas o sagrado. E por sagrado entendemos Jesus como próprio Deus. O Evangelho não é sujeito a aprovação por uma assembleia cons-

⁵ Cf. DA 26; 135; 176; 419; 537.

⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, n. 17.



tituinte. Aqui valem basicamente os princípios de Calcedônia: Deus está em Jesus, inseparavelmente ligado à humanidade sofredora, sem se confundir com ela. Paulo Suess afirma: “Se diluirmos Jesus de Nazaré na miséria humana ou se o separarmos dela, seria igualmente não a valorização da humanidade, mas a sua traição. Proximidade, inculturação e solidariedade não devem ser confundidas com identificação que apaga a alteridade”.⁷

O Evangelho mantém sua autonomia crítica, sempre transcende as culturas, é “outra coisa” para qualquer realidade humana: inclusive para a Igreja histórica. O ministério sacerdotal do presbítero está aí para lembrar continuamente disso a comunidade cristã. Ao mesmo tempo, porém, “toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendental do ser humano e por todas as suas necessidades concretas” (DA 176), nunca é “fuga para uma realidade puramente espiritual” (DA 148).

A esse respeito a introdução da citação de Hb 5,1 no texto oficial é, sem sombra de dúvida, infeliz. O tema da Carta aos Hebreus é a solidariedade de Cristo sacerdote com o gênero humano. O que interessa ao autor é o contraste global entre dois tipos de sacerdócio: o que foi vivido por Jesus e o do ritual do judaísmo.

“Cristo não tem participação alguma no sacerdócio judaico (Hb 7,13-14) e morreu carregado de opróbrio e sem qualquer rito de consagração (Hb 13,12-13; 11,26). Depois dos sofrimentos de sua vida (Hb 2,10-18), semelhante em tudo a seus irmãos na tentação (Hb 2,17-18; 4,15), mas livre de todo pecado (Hb 2,17-18; 4,15; 5,7-8), foi transformado por Deus em grande, fiel e misericordioso sacerdote, segundo o rito de Melquisedec (Hb 5,6.10; 6,20), que é um sacerdócio superior ao sacerdócio judaico (Hb 7,1.10-11.15-17). Trata-se de um novo tipo de sacerdócio, caracterizado pela misericórdia (Hb 2,17; 4,16) e pela solidariedade com os pecadores (Hb 2,10-11.17)”.⁸

Aqui se fala do sacerdócio de Cristo, não de “qualquer sacerdote” e em contraposição ao sacerdócio judaico. O sacerdócio de Cristo não consiste no afastamento ou na separação, mas na proximidade com a humanidade. O autor da Carta aos Hebreus recorre à tradição bíblica para

⁷ SUESS, Paulo. Quinta Conferência – quinta essência. A missão como paradigma-síntese de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 912, out. 2007.

⁸ ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 189.



explicar a natureza solidária desse sacerdócio: “todo sumo sacerdote é escolhido entre os homens ...”.

Essa mesma citação aparece na *Presbyterorum Ordinis* exatamente para fundamentar a condição de vida dos presbíteros no meio da humanidade: “Os presbíteros, tirados dentre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados, convivem fraternalmente com os restantes homens” (PO 3). A mesma coisa diz a *Pastores Dabo Vobis*: “A Carta aos Hebreus afirma claramente a ‘humanidade’ do ministro de Deus: ele vem dos homens e está ao serviço dos homens, imitando Jesus Cristo” (PDV 5). E acrescenta:

“O ministério do sacerdote é, sim, o de anunciar a Palavra, de celebrar os sacramentos, conduzir na caridade a comunidade cristã, ‘em nome e na pessoa de Cristo’, mas isto, dirigindo-se sempre a homens concretos: ‘todo sumo sacerdote, tomado de entre os homens, é constituído em favor dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus’ (Hb 5,1). Por isso mesmo, a formação humana dos padres revela a sua particular importância relativamente aos destinatários da sua missão: precisamente para que o seu ministério seja humanamente mais credível e aceitável, é necessário que ele modele a sua personalidade humana de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros, no encontro com Jesus Cristo Redentor do homem” (PDV 43).

Somente o *Diretório dos Presbíteros*, na sua conclusão, dá uma ênfase diferente à citação da Carta aos Hebreus: “Na sua obra evangelizadora, o presbítero transcende a ordem natural para fixar-se ‘nas coisas que dizem respeito a Deus’ (Hb 5,1). Com efeito, ele é chamado a “elevar o homem gerando-o para a vida divina e fazendo-o crescer nela até à plenitude de Cristo”. Mesmo assim, a humanidade permanece beneficiária dessa ação sacerdotal.

Mas no documento oficial de Aparecida, a inserção de Hb 5,1 quebra a continuidade do texto, não mostra qualquer referência com a dimensão humana do ministério do presbítero, e ainda deixa transparecer, além de uma volta ao sacerdócio vetero-testamentário, uma perigosa ruptura com a solidariedade fraterna em favor de “tudo que se refere ao serviço de Deus”.



2 A missão do presbítero no mundo atual

O segundo desafio apontado pelo Documento de Aparecida em relação aos presbíteros, diz respeito ao seu “ministério na cultura atual” (DA 194). Por cultura aqui se entende “mundo”, contexto, conjuntura atual, que de fato apresenta características multi-culturais. O desafio é o de sempre, particularmente colocado em evidência a partir do Vaticano II: tornar relevante o Evangelho para o mundo moderno. Porém, o que salta aos olhos nessa passagem de DA 194, é a metáfora usada: “o presbítero é chamado a conhecê-la [a cultura atual] para semear nela a semente do Evangelho”.

Felizmente, aqui não temos alterações entre o texto original e o texto oficial. O que surpreende é esta ligação entre a tarefa do semeador e a missão do presbítero, chamado a conhecer melhor seu destinatário. A metáfora largamente usada para descrever a missão do presbítero não é a do semeador mas a do “Bom Pastor”. Aparece pelo menos quatro vezes no DA ligada à figura do presbítero (cf. DA 177; 198; 199; 319; pode-se acrescentar também o número 165 e o título da seção 5.3.2: “Os presbíteros, discípulos missionários de Jesus Bom Pastor”).

Pastoral e missão

O *Diretório dos Presbíteros* diz claramente que o ministério do presbítero é essencialmente pastoral⁹, e é “o único, depois do Bispo, ao qual, em virtude do ministério sacerdotal recebido mediante a ordenação, se pode atribuir dum modo próprio unívoco o termo ‘pastor’. Com efeito, a qualificação de ‘pastoral’ refere-se quer à ‘*potestas docendi et santificandi*’ quer à ‘*potestas regendi*’”.¹⁰

Por outro lado, a *Presbyterorum Ordinis* afirma que “os presbíteros, como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que, realizando o mandato do Senhor: ‘Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas’ (Mc 16,15), constituam e aumentem o Povo de Deus” (PO 4). Ora, nessa missão fundamental podemos distinguir, segundo a *Redemptoris Missio*, três diferentes situações: a *missão ad gentes*, que se dirige a povos, grupos

⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, n. 16.

¹⁰ *Ibid.*, n. 19.



humanos, contextos sócio-culturais onde Cristo e seu Evangelho não são conhecidos; o *cuidado pastoral*, que se dirige às comunidades cristãs já constituídas; e a *nova evangelização*, que tem como destinatários os cristãos culturais, batizados que perderam o sentido da fé e vivem uma vida distante da Igreja (cf. RMI 33).

A pastoral, portanto, descreve apenas uma parte – a menor talvez – de toda a missão da Igreja, e ao presbítero não é confiada apenas esta parte, mas *toda* a missão. A missão *ad gentes* constitui o seu “primeiro dever”. O próprio *Diretório dos Presbíteros* pondera que “o sacerdote pertence ‘em modo imediato’ à Igreja universal, que tem a ‘missão’ de anunciar a Boa Nova até ‘aos confins da terra’”.¹¹

“‘O dom espiritual, recebido pelos sacerdotes na ordenação, prepara-os para uma vastíssima e universal missão de salvação’ (PO 10) (...) *Pertencer a uma Igreja particular mediante a incardinação não deve fechar o sacerdote numa mentalidade restrita e particularista, mas abri-lo ao serviço de outras Igrejas (...) Todos os sacerdotes, portanto, devem ter um coração e um espírito missionário, abrindo-se às necessidades da Igreja e do mundo*”.¹²

Até uma década atrás, usava-se a palavra “pastoral” como conceito-coringa para descrever toda a missão da Igreja. Somente em 1995, as Diretrizes Gerais da *Ação Pastoral* da Igreja no Brasil tornaram-se Diretrizes Gerais da *Ação Evangelizadora*, entendendo que, sob o impulso da *Redemptoris Missio*, a tarefa da Igreja toda, era bem maior do que a pastoral.¹³

Três imagens

Seguindo esse intuito, o biblista canadense Marc Girard individua três figuras evangélicas que descrevem as três diferentes situações de missão.¹⁴ A primeira das três imagens é a figura do bom pastor, e diz respeito à *pastoral* junto às comunidades cristãs formadas e constituídas. É uma missão no espaço restrito do curral, que se baseia numa relação

¹¹ *Ibid.*, n. 14.

¹² *Ibid.*

¹³ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998*. Documento 54.

¹⁴ GIRARD, Marc. *A missão da Igreja na aurora do novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 45-75.



peçoal, íntima, com seus destinatários. O pastor “chama”, as ovelhas “ouvem a sua voz”, ele as conhece pelo nome, as acompanha fora do redil, caminha à frente delas, corre atrás delas quando se perdem, dá a vida por elas e ao mesmo tempo tem uma preocupação quase maternal com outras ovelhas que “não são deste aprisco” (cf. Jo 10,1-18). O pastor é uma figura fundamental para o crescimento da comunidade. A missão aqui é movida pela *caridade* pastoral (cf. DA 199).

A segunda figura é a do sementeiro, e diz respeito à *nova evangelização* junto aos cristãos que se afastaram da comunidade e perderam o sentido vivo da fé. O lugar não é mais o redil, fechado, com suas portas e suas regras de funcionamento. Agora o “campo é o mundo” (Mt 13,48), lugar aberto, de risco e de insegurança, onde o sementeiro sai para semear. Ele lança a semente em todo tipo de terreno, mas não é ele que faz crescer (cf. Mc 4,26-29). A ação do sementeiro é marcada por uma gratuidade radical: ele somente lança a Palavra de Deus, talvez pequena como semente de mostarda (cf. Mc 4,30-32) e não se preocupa nem de arrancar o joio (cf. Mt 13,29). Mas é animado por uma profunda *esperança* de que algo possa dar fruto.

A terceira figura é a do pescador, e diz respeito à *missão ad gentes* junto às pessoas e aos contextos totalmente alheios à mensagem do Evangelho. O pescador não exerce sua profissão dentro de um redil, junto a um rebanho com o qual estabelece uma relação de carinho e de intimidade. Ele está totalmente perdido em alto mar. Não tem também a mesma expectativa do agricultor em relação à semente que em algum lugar deverá oferecer seu fruto. A pesca depende do acaso, da sorte, e está sujeita a todo tipo de imprevistos e de riscos. É uma missão na qual a Igreja descobre sua verdadeira vocação em deixar-se conduzir somente pela Palavra. A *missão ad gentes* é uma atividade marcada pela pura fé.

A missão do presbítero não pode ser apenas pastoral. Ele tem que aprender a ser sementeiro, como diz Aparecida, e também pescador: “*duc in altum!*”, “avance para águas mais profundas” (Lc 5,4). As metáforas do sementeiro e do pescador pouco aparecem no DA, mas na seção dedicada aos presbíteros, pelo menos uma delas vem a indicar que a missão não pode ser apenas pastoral. A metáfora do sementeiro aparece ainda em duas ocasiões: quando se fala dos emigrantes “chamados a ser semente de evangelização” (DA 377) e da presença cristã nos novos arquipélagos (cf. DA 491).



Por sua vez, a pescaria é lembrada como imagem também em duas passagens significativas: na primeira, Maria convida os pobres “a lançar as redes ao mundo, para tirar do anonimato aqueles que estão submersos no esquecimento e aproximá-los da luz da fé” (DA 265); na segunda, “o novo mundo do espaço cibernético (internet) é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Esse desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor para ‘avançar’: *Duc in altum!*” (DA 487).

Ainda é muito pouco. A missão, particularmente a do presbítero, está ainda muito presa ao imaginário pastoral, numa época em que as pessoas estão pouco dispostas a serem tratadas como “ovelhas”.¹⁵

Opção pela formação

Quando Aparecida fala de “abandonar as estruturas ultrapassadas” (DA 365), provavelmente subentende esquemas mentais arquetípicos como esse, da missão entendida exclusivamente como pastoral, sedimentados na consciência eclesial e em sua institucionalização durante séculos. A conversão pastoral almejada é uma conversão missionária (cf. DA 370). Os adjetivos “pastoral” e “missionária” indicam tensões diferentes e quase opostas: uma, indica conservação e hegemonia, outra, abertura e dispersão. Por isso já a *Redemptoris Missio* lembrava que “impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários, e isto vale tanto para os indivíduos como para as comunidades” (RMi 49).

Para que isso aconteça, “para que a mensagem de Jesus chegue a ser (...) relevante para a vida do homem e da mulher de hoje, especialmente para os jovens”, DA 194 aposta na formação inicial e permanente dos presbíteros. A opção pela formação é um dos eixos de Aparecida (cf. DA 276). O DA dedica um capítulo inteiro à formação dos discípulos missionários. Essa formação não é meramente técnica, “marqueteira”, para que a missão atinja seu público alvo: “não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais, mas da fidelidade na imitação do Mestre, sempre próximo, acessível, disponível a todos, desejoso de comunicar vida em cada região da terra” (DA 372). As quatro dimensões indicadas – humana, espiritual, intelectual, pastoral (cf. PDV 72) –, retomadas e

¹⁵ A esse respeito confira a obra de BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista? A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006.



esplanadas depois mais adiante (cf. DA 280), fazem entrever exigências de formação profunda, atenta a diversos aspectos, não apenas no que diz respeito à esfera pessoal ou teológica, mas principalmente, e neste caso, no que diz respeito aos interlocutores e destinatários da ação da Igreja.

As dimensões humana e espiritual podem indicar a exigência primeira de *reconhecer* nossos interlocutores. A prática de Jesus reconhecia e acolhia as pessoas. Quando encontra Natanael, Jesus reconhece primeiro o valor do jovem, apesar de ele não ter logo reconhecido Jesus (cf. Jo 1,45-49). A nossa missão precisa começar pelo reconhecimento dos Natanaéis do nosso tempo. Eles são também “dons de Deus” (o nome Natanael significa “Deus doou”). Nós podemos aceitar esse dom que Deus nos oferece na pessoa de Natanael somente se antes aceitarmos a maneira com a qual Natanael se doa a nós.

A missão evangelizadora na América de todos os tempos é deficitária desse reconhecimento dos outros e de suas culturas. Medellín abriu as primeiras clareiras de descolonização, reconhecendo “o valor inestimável do pobre aos olhos de Deus” (DM, *A pobreza da Igreja*, 7). Somente os olhos de Deus conseguem ver nas “ovelhas perdidas” a imagem copiosa da “grande colheita” (cf. Mt 9,36). A formação humana e espiritual aponta, portanto, para o necessário reconhecimento dos pobres e dos outros. Esse reconhecimento qualifica nossa missão como verdadeiramente evangélica.

Por sua vez, as dimensões intelectual e pastoral (melhor seria “missionária”, cf. DA 280d) procuram aprofundar o *conhecimento* teórico e prático da realidade e das culturas dos povos. É fundamental “o conhecimento bíblico-teológico e das ciências humanas para adquirir a necessária competência” (DA 280c). Entre os estudos teológicos se destaca a missiologia (cf. DA 323). É necessário também “despertar a consciência de que a formação só termina com a morte” (DA 326): portanto, somos sempre discípulos, e vamos para a missão como discípulos, ou seja, como eternos aprendizes: jamais como mestres.

Por outro lado, a verdadeira escola dos discípulos é a missão. Discipulado e missão não são duas realidades distintas e procedentes uma da outra, antes o discipulado (formação) e depois a missão (ação). Uma vez chamados, os discípulos de Jesus são inseridos imediatamente na missão, sem direito a formação teórica prévia (cf. Mt 4,22-23). A formação acontece *durante* a missão e pautada pela missão (cf. Mt 13,18-23): “a



missão é inseparável do discipulado, *em relação ao* qual não deve ser entendida como etapa posterior à formação” (DA 278d).¹⁶

Contudo, de nada adianta nenhuma formação inicial ou permanente, se na Igreja não se tiver liberdade de agir. Comblin afirma: “se quiserem definir um plano sem conhecer vivencialmente o que é a sociedade de hoje, fora dos livros e dos inquéritos, mas na realidade da vida, vão viver de ilusões. Evangelização supõe liberdade, essa liberdade que o Papa concedeu a São Francisco de Assis, e que Santo Inácio tinha que reconhecer a São Francisco Xavier”.¹⁷

3 O testemunho de vida do presbítero

O terceiro desafio para a identidade e a missão dos presbíteros segundo o DA, “se refere aos aspectos vitais e afetivos, ao celibato e a uma vida espiritual intensa fundada na caridade pastoral, que se nutre na experiência pessoal com Deus e na comunhão com os irmãos” (DA 195). Depois de ter traçado algumas linhas da identidade do presbítero (quem ele é) e de sua missão (o que ele faz), o DA descreve o jeito do presbítero ser e agir (*como* ele é e faz). Trata-se do testemunho pessoal de vida: de que maneira ele é chamado a viver o discipulado missionário. Esse elemento é tido como fundamental para a renovação das estruturas da Igreja:

“A renovação da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos sacerdotes que estão a serviço dela. A primeira exigência é que o pároco seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. Mas, ao mesmo tempo, deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração” (DA 201).

Há um debate fundamental sobre como devem acontecer as mudanças: a partir das estruturas ou a partir dos sujeitos? A instituição Igreja, com muita facilidade, descarrega sobre os sujeitos toda a responsabili-

¹⁶ Aqui em DA 278d a tradução oficial no português falha em relação ao espanhol, distorcendo o sentido do texto: “a missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação ...”. O original espanhol diz assim: “la misión es inseparable del discipulado, por lo cual no debe entenderse como una etapa posterior a la formación ...”.

¹⁷ COMBLIN, José. O papel histórico de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 885, out. 2007.



dade. Ela nunca tem culpas: os pecados são sempre de seus membros.¹⁸ Por outro lado, uma conversão missionária é uma questão de coração, porque a própria missão é, definitivamente, uma questão de coração e de compaixão. As estruturas não mudam porque não têm nem coração e nem compaixão. Só as pessoas concretas são capazes de criar dinâmicas de mudanças e de conversão.

Consideramos, por exemplo, a própria paróquia. O DA faz a projeção ousada para que ela se torne missionária (cf. DA 173). Não há receitas, nem projetos para que em breve isso possa acontecer, pelo simples fato de a paróquia nunca ter sido propriamente missionária e nem ter nascido para ser missionária.¹⁹ Só se houver uma comunidade de pessoas cheias de ímpeto e audácia missionária, a transformação dessa estrutura milenar poderá se tornar possível: “não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (DA 538).

Caridade pastoral como fundamento

Com certeza, essa “mudança radical de mentalidade” (RMi 49) não dependerá somente do presbítero (cf. DA 202). Contudo, por ser referência para uma rede de comunidades, seu papel testemunhal é de prioritária importância: “Hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência pastoral” (DA 368).

¹⁸ A esse respeito o documento original de Aparecida apresentava algumas novidades. O número 98 dizia assim: “a Igreja Católica na América Latina e no Caribe, apesar de suas deficiências e ambigüidades, tem dado testemunho de Cristo”. Foi prontamente mudado para: “A Igreja Católica na América Latina e no Caribe, apesar das deficiências e ambigüidades de alguns de seus membros, tem dado testemunho de Cristo”. Cf. AMERINDIA (org.), p. 284. Comblin comenta: “Estamos aqui diante de um fenômeno bem conhecido: o clero e a hierarquia, consciente ou inconscientemente, opõem-se à historicidade. Não querem aceitar no concreto a historicidade de tudo o que é humano na Igreja, de tudo o que foi acrescentado à mensagem de Jesus”. COMBLIN, p. 874.

¹⁹ “Colpisce leggere questa considerazione del teologo Severino Dianich: ‘La struttura parrocchiale ha sempre accolto credenti, ai quali la fede era già stata comunicata e ai quali la parrocchia doveva garantire la catechesi e i sacramenti. E’ paradossale, ma è vero, il fatto che lungo la sua storia la parrocchia non sia mai stata investita del problema dell’accesso alla fede dei non credenti. E’ veramente un paradosso, ma è difficile smentirlo’”. ORLANDONI, Mons. Giuseppe. *Il volto missionario della parrocchia. Linee programmatiche per l’anno pastorale 2004-2005*. In: <http://www.diocesi-senigallia.it/documentiword/IL%20VOLTO%20MISSIONARIO%20DELLA%20PARROCCHIA.doc>. Acesso em 15 de julho de 2007.



Essa santidade, como caminho de perfeição do discípulo missionário, acontece na missão cotidiana:

“Ao participar dessa missão, o discípulo caminha para a santidade. Vivê-la na missão o conduz ao coração do mundo. Por isso, a santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual” (DA 148).

No que diz respeito ao presbítero, isso é traduzido com “uma vida espiritual intensa, fundada na caridade pastoral” (DA 195), ou “a caridade pastoral, fonte da espiritualidade sacerdotal, anima e unifica sua vida e ministério” (DA 198). A palavra “espiritualidade” ganha no DA uma espessura existencial:

“É necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, mas que procura penetrá-los completamente com seu fogo e sua vida. O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana” (DA 284).

Coerentemente com o dado bíblico,²⁰ “espiritualidade” aqui não é entendida como algo oposto a tudo o que é material (cf. Novo Dicionário Aurélio), mas como vida no Espírito. Esse *Espírito* é o Espírito Santo, a designar a participação de cada pessoa que adere à fé em Jesus Cristo à vida divina de Deus Trindade (cf. DA 240) com toda a sua dimensão somática (corpo) e toda a sua dimensão psíquica (alma). A vida no Espírito é vida cristã concreta, realmente vivida nas relações com os outros, feita não apenas de devoções, mas primeiramente de ações que crucificam os instintos egoístas e nos colocam a serviço da humanidade (cf. Gl 5,22-24).

Santidade e espiritualidade, portanto, é vivência radical, gratuita e universal do mandamento do amor. Não é adesão a uma doutrina ou

²⁰ A noção, enraizada na tradição ocidental, revela uma concepção de pessoa composta essencialmente de alma e corpo: espiritual diz respeito à alma e material diz respeito ao corpo. Mas em 1Ts 5,23, encontramos uma afirmação fundamental de Paulo pela qual o homem e a mulher são compostos por corpo, alma e espírito. Esse espírito é o Espírito Santo. Espiritualidade tem a ver com Espírito Santo, e não com alma.



a uma prática ascética. Isso não salva (cf. Mt 25,31ss). O que salva é tornar-se próximo aos irmãos (cf. DA 135). Discipulado missionário é definitivamente isso.²¹

A esse respeito, a parábola do Bom Samaritano é de uma fineza incrível: começa pela pergunta “quem é o meu próximo?”, e acaba com a pergunta: “quem dos três *se tornou* próximo?”. O próximo é o próprio discípulo missionário que se torna próximo, porque a missão é essencialmente um tornar-se próximo, e o discipulado é um aprender a tornar-se próximo. O sacerdote e o levita não socorrem o homem caído para obedecerem a uma lei sagrada que os obrigava a não tocarem cadáveres para não ficarem impuros (cf. Nm 19,11-13; o texto de Lucas diz que o homem estava “quase morto”: está morto ou não está morto? Os religiosos, prudentemente, não quiseram se arriscar). Ficar puro era uma exigência para amar a Deus. Nesse caso, tinha que “se sujar” para amar o próximo: um conflito paradoxal entre os dois principais mandamentos da Lei. O que fazer quando devo escolher entre amar a Deus ou amar o próximo?

“Vá [envio] e faça a mesma coisa [que fez o samaritano]” (Lc 10,37) é o convite de Jesus. Ama-se a Deus somente amando o próximo. Essa que é a caridade pastoral: despojar-se de tantos elementos que constituem a pureza de nossa identidade “sacerdotal” para nos aproximar dos outros. É uma quênose que nasce da compaixão e da aproximação e não do desejo de ascese: isso é fundamental para entender o cristianismo.

Experiência de Deus

Esse caráter ortoprágmatco da espiritualidade presbiteral é uma questão de pura fé, porque se fundamenta na participação da mesma fé de Jesus (cf. DA 139): Deus é Pai, nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs “de sangue” entre nós.²² Ponto. O Evangelho está todo aqui. Isso

²¹ Cf. RASCHIETTI, Stefano. *Ser e Fazer discípulos missionários*. Uma leitura do Documento de Aparecida a partir do mandato missionário de Mateus. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 929-948, out. 2007.

²² A expressão “de sangue” nos remete a uma anedota de Dom Hélder Câmara, contada por ele mesmo numa entrevista que encontramos no filme de Érica Bauer, “Dom Hélder – O Santo Rebelde”. Certa vez, o arcebispo de Recife teve que interceder junto a um empresário pedindo emprego para um “seu irmão”, um pobre pai de família. O empresário, depois de atender com muita solicitude ao pedido do bispo, percebeu logo de ter sido “enganado”. “O senhor me enrolou”, disse o empresário para Dom Hélder, “o homem não é seu irmão coisa nenhuma”. “Mas como ...”, respondeu o



não é apenas uma noção, mas é algo de vivido efetivamente numa prática de vida, e afetivamente numa relação intensamente carinhosa com Deus e com os irmãos: “Ele nos ensinou a orar dizendo ‘Abba’” (DA 17). “Abba” quer dizer com ternura: “papaizinho”. Essa é a Boa Nova que anuncia uma visão completamente nova de Deus e da humanidade: Deus revela em Jesus seu rosto profundamente humano e, nele, a humanidade se encontra plena, reunida numa só família.

Num tempo de desencanto e de “des-astre” (sem astros, sem estrelas) como o atual, a vida presbiteral precisa re-encontrar-se com esse dado essencial: a confissão absolutamente convencida dessa fé em Deus Pai, e uma profunda relação com Cristo e a conformidade a Ele na missão de fazer do mundo uma só família de irmãos. Os presbíteros não são chamados a não falhar com o Evangelho – seriam como os fariseus –, mas a não cessar nunca de conformar-se a Cristo e ao seu seguimento. A experiência de Deus como pai, como próximo, como compaixão, é um dom que transforma plenamente, que convoca a uma adesão total²³ e que causa uma profunda mudança de ótica na maneira de encarar a história e de viver o ministério (cf. DA 199).

Na ação de graça por esse dom, o próprio presbítero se torna ele mesmo esse dom: entrega-se inteiramente à doação até coincidir rigorosamente com o Dom recebido. Torna-se assim sacramento vivo da iniciativa gratuita de Deus, do Filho que revela o Pai (Jo 1,18), que chama à conversão (Mc 1,15), que cura e liberta do mal (Mc 1,32-34), que reúne (Jo 10,16), que alimenta (Mt 14,13-27), que conduz (Jo 10,1-15), que faz viver (Jo 6), que une a Igreja a si (Jo 15) e ao Pai (Jo 17). O

prelado: “irmãos só por parte de Pai, não são irmãos?”. O empresário retrucou: “Sim, eu sei o que o senhor quer dizer com isso: mas eu tinha entendido que eram irmãos de sangue”. “Pois é”, insistiu Dom Hélder, “o sangue que Cristo derramou para mim, derramou para ele também: então, somos irmãos de sangue”.

²³ A palavra “adesão” é chave para entender o autêntico seguimento de Jesus. A adesão acontece quando se junta discipulado com missão, como se fossem exatamente a mesma coisa. A célebre passagem de Mc 3,13-19, citada no Documento de Aparecida duas vezes (cf. DA 131; 154) não se refere a dois momentos distintos: “ficar com Ele” e (depois) “ser enviados a pregar”. Pois, o “ficar com ele” denota o “partilhar em tudo o seu destino” (Cf. BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 454). Ficar não é apenas “estar”, mas, como expressa corretamente o documento, é “viver em comunhão com Ele” (DA 154). Pedro apenas “estava” com Jesus quando respondeu certo: “Tu és o Messias” (Mt 16,16). Logo depois, porém, o Mestre o chama de Satanás, “porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens” (Mt 16,23). É muito claro que Pedro não tinha entrado ainda em comunhão plena com a missão, a identidade do Filho de Deus e o horizonte do Reino.



presbítero sacerdote é aquele que diz do corpo de Cristo: “Isto é o meu corpo”. E do sangue de Cristo: “Este é o cálice do meu sangue”. Mas está falando também do corpo e do sangue dele próprio. Aqui temos uma identificação sacramental que se torna uma identificação mística:

*“A auto-doação de Cristo, que tem a sua fonte na vida trinitária do Deus-Amor, atinge a sua expressão mais alta no sacrifício da Cruz, cuja antecipação sacramental é a Última Ceia. Não é possível repetir as palavras da consagração sem sentir-se implicado neste movimento espiritual. Em certo sentido, o sacerdote deve aprender a dizer, com verdade e generosidade, também de si próprio: ‘tomai e comei’. De fato, a sua vida tem sentido, se ele souber fazer-se dom, colocando-se à disposição da comunidade e ao serviço de qualquer pessoa que passe necessidade”.*²⁴

Por esse motivo que, mesmo se todos os cristãos são chamados à santidade em virtude do batismo, os presbíteros são “obrigados por especial razão a buscar essa mesma perfeição visto que, consagrados de modo particular a Deus pela recepção da Ordem, se tornaram instrumentos vivos do sacerdócio eterno de Cristo” (PO 12).

Vida em comum e celibato

Essa santidade não terá que ser apenas uma meta egoisticamente individual, quase a representar a salvação da própria alma numa aventura solitária. “Deus é único mas não solitário”, diz o Catecismo da Igreja Católica (CIC 254). Em força da dinâmica trinitária, o presbítero é chamado a santificar não apenas sua pessoa mas sobretudo as relações nas quais está envolvido: porque Deus é amor, Deus é relação. O fato de sermos discípulos não basta. A missão nos chama a fazer discípulos (cf. Mt 28,19), uma comunidade sempre maior de irmãos e irmãs que saiba ser testemunho daquela fraternidade fruto do amor, que vai além da justiça, exigência para uma verdadeira paz (cf. GS 78).

“Irmão” é uma palavra mágica no Evangelho, praticamente é um sinônimo de discípulo. Com efeito, o Ressuscitado chama os discípulos de “irmãos” ao convocá-los para a montanha do envio missionário na Galiléia (cf. Mt 28,10). Fazer discípulos, portanto, quer dizer *fazer irmãos*.

²⁴ JOÃO PAULO II. Carta aos Presbíteros por ocasião da quinta feira santa de 2005. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jp-ii_let_20050313_priests-holy-thursday_po.html. Acesso em 5 fev. 2008.



A comunhão de vida estabelecida mediante relações fraternas constitui a origem, o caminho e a meta da missão, assim como “o mistério da Trindade é fonte, modelo e meta do mistério da Igreja” (DA 155):

*“É importante deixar claro desde já que o tema da “fraternidade” exprime claramente a essência da missão em sentido universal. O termo irmão é um elemento central para compreender a missão como tal. (...) A missão propriamente dita não se situa no âmbito da atividade, mas no das relações, ela é por assim dizer o DNA da Igreja, não se trata de algo secundário, não é um acessório, mas se trata de algo essencial e constitutivo”*²⁵.

De fato, o altar da fraternidade é o lugar mais apropriado para celebrar a paternidade de Deus. Disso o Evangelho está repleto: “Portanto, se você for até o altar para levar a sua oferta, e aí se lembrar de que o seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão; depois, volte para apresentar a oferta” (Mt 5,23-24). Não se pode celebrar a paternidade, sem antes restabelecer a fraternidade.

Essa fraternidade evangélica constitui o âmbito necessário para o celibato voluntário. A escolha celibatária não é um virtuosismo direcionado a uma perfeição individual ou a uma atividade apostólica. Faz parte da radicalidade vivida por Jesus e proposta aos discípulos: deixar casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos ... (cf. Mt 19,29). Essa radicalidade conflui numa comunhão de vida com Ele e com uma pequena comunidade de irmãos: “Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima com Ele, obediência à Palavra do Pai, para produzirem frutos de amor em abundância”. (DA 133)

A estreita conexão entre celibato e vida comunitária exige despojamento radical, submissão recíproca, aceitação e reconhecimento da alteridade, do ministério e dos dons de cada um. O celibato é somente uma maneira de viver o conselho evangélico da castidade, aquela arte de amar que lembra a todos os cristãos que o amor é também feito de ascese, trabalho, fadiga e requer uma purificação contínua para ser inteligentes e respeitosos no reconhecimento do outro e de seu mistério.

Contudo, é bom lembrar que celibato e vida comum são pilares constitutivos da Vida Religiosa, e não representam um estado de vida

²⁵ BRADANINI, S. A urgência da missão. In: CNBB. *Memória, projeto, seguimento. Missões Populares da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2007, p. 114.



superior na globalidade da vida cristã, mas apenas um grande dom e uma maneira específica de ser.²⁶ No caso do presbítero, o celibato é uma lei eclesial que tem quatro séculos de história, portanto, contingente por natureza e sujeita a mudança. A vida em comum, infelizmente, não é afirmada com a mesma convicção, apesar de o Vaticano II recomendar “insistentemente a vida comum dos sacerdotes” (CD 30) e o DA declarar que “o celibato solicita assumir com maturidade a própria afetividade e sexualidade, vivendo-as com serenidade e alegria no caminho comunitário” (DA 196). Frequentemente, porém, muitos presbíteros vivem uma vida solitária.

Conclusão

Algumas afirmações sobre o perfil de presbítero no DA, parecem bastante dependentes do *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* (1994), e da instrução da Congregação para o Clero, *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial* (2001). As dimensões fundamentais da identidade e da missão dos presbíteros estão com certeza afirmadas, porém sem grandes novidades, longe do espírito de uma *Presbyterorum Ordinis* e da tradição latino-americana, com ênfase numa visão *hierárquica* do ministério sacerdotal.

Em todo caso, vendo todo o percurso de elaboração do DA, Agnor Brighenti argumenta que “há afirmações dominantes que perpassam todo o Documento e que fazem parte do espírito do texto; e há temas e afirmações periféricos que entraram no texto para que outras proposições pudessem também ser contempladas, mas que não exprimem o espírito do Documento”.²⁷ José Comblin²⁸ e Paulo Suess²⁹ reforçam essa tese apontando para a *missão* como palavra-chave do evento e do texto de Aparecida. De fato, o DA assume de alguma forma as grandes instâncias das Conferências anteriores e sintetiza suas propostas sob esse prisma.³⁰

²⁶ Cf. BIANCHI, Enzo. *Non siamo migliori*. Magnano: Qiqajon, 2002, p. 67 – 68.

²⁷ BRIGHENTI, *Para compreender o Documento de Aparecida*. O pré-texto, o con-texto e o texto. São Paulo: Paulus, 2008, p. 73.

²⁸ Cf. COMBLIN, José. O papel histórico de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 865 - 885, out. 2007.

²⁹ Cf. SUESS, Paulo. Quinta Conferência – quinta essência. A missão como paradigma-síntese de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 908 - 928, out. 2007.

³⁰ Cf. *ibid.*, p. 909.



Nesse sentido, um interessante perfil de presbítero sobressai sim no Documento inteiro, dentro do desenvolvimento da temática do discipulado missionário. Esse enfoque ajuda a ver a doutrina clássica sobre o presbítero com outro olhar e com outras perspectivas.

Comblin afirma que o DA é um grito de alarme. A Igreja sente que está na hora de mudar, mas não sabe como e de onde começar. De um lado, almeja abandonar uma pastoral de conservação, para uma missão evangelizadora no meio do mundo. Por outro lado, reafirma hierarquicamente suas estruturas (caducas? Cf. DA 365³¹) delegando a responsabilidade das mudanças a uma maior motivação e a um maior empenho de seus principais agentes. Claro que uma mudança de estrutura, particularmente a ministerial, não poderá ser apressada, porque terá com certeza conseqüências atropeladoras. Ao mesmo tempo, “a confusão entre validade teológica de uma estrutura ou instituição – por exemplo, o ministério sacerdotal – e sua concretização empírica, em cada época histórica, é muito freqüente e favorece um espiritualismo de claras conotações ideológicas, isto é, encobridoras das defasagens existentes”.³²

Libânio alerta que na América Latina “nenhuma Missão Continental resolverá o problema da Eucaristia nas comunidades, se não se repensar a própria teologia eucarística como dom de Jesus à comunidade e a todos os cristãos e, conseqüentemente, a sua configuração ministerial e prática com novas disposições canônicas”.³³ Aparecida não teve força para impor uma reflexão desse porte, como era de se imaginar. Limitou-se, então, a um discurso parenético.

No entanto, é bom serenamente admitir que não existe estrutura ou teologia que garanta o surgimento de testemunhos proféticos e ousados. Práticas corajosas, sempre culturalmente limitadas, nascem a partir de atitudes novas a serem tomadas humildemente, discipularmente e missionariamente: “Para nos converter em uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora, temos que ser de novo evangelizados e fiéis discípulos (...) Não temos de dar nada como pressuposto e descontado. Todos os batizados são chamados a recomeçar a partir de Cristo” (DA 549).

³¹ O texto em espanhol de DA 365 diz “estruturas caducas” e não “ultrapassadas estruturas”.

³² ESTRADA, p. 407.

³³ LIBÂNIO, p. 838.



Se nos colocarmos à escuta do que o Espírito diz hoje às Igrejas e aos presbíteros, Ele nos pede uma nova tomada de consciência sobre a radical opção de fé e de missão que representa a vida cristã. Dar isso como óbvio significa diluir e mediocritizar o Evangelho. Reduzir esse apelo a uma piedosa exortação, entre muitas, levará aos poucos a uma completa irrelevância das comunidades cristãs, se não das suas estruturas, pelo menos do seu verdadeiro significado.

Endereço do Autor:

Centro Cultural Conforti
Rua Victório Viezzer, 701
Vista Alegre das Mercês
80810-340 CURITIBA, PR



Resumo: *Muitos bispos gostariam de ter visto o termo "Comunidades Eclesiais de Base" (CEBs) fora do Documento de Aparecida, preferindo a ampla divulgação da expressão "pequenas comunidades". CEBs e "pequenas comunidades" possuem a mesma identidade eclesial? O que define uma comunidade enquanto "comunidade eclesial de base"? Este texto procura analisar a contribuição do Documento de Aparecida em relação às CEBs.*

Abstract: *Many bishops would have liked that the expression "Ecclesial Base Communities" had been expunged from the Document of Aparecida, and wished that they would be designated instead "Small Communities". But there arises the question whether CEBs and "Small Communities" have the same ecclesial identity? The article tries to analyze the new approach to the CEB provided by the Document of Aparecida.*

As CEBs no Documento de Aparecida

*Prof. Sérgio Ricardo Coutinho**

* Leigo, casado com Patrícia, 4 filhos. Mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB). Assessora o Setor CEBs da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato da CNBB, é professor de Ciência da Religião na Universidade Católica de Brasília (UCB) e também, na mesma instituição, é pesquisador do Projeto de Pesquisa e Documentação "Memória e Caminhada" das CEBs. É professor de História da Igreja no Instituto São Boaventura de Brasília (OFM Conv.) e na Pós-graduação *Lato sensu* em História do Cristianismo Antigo na UnB.